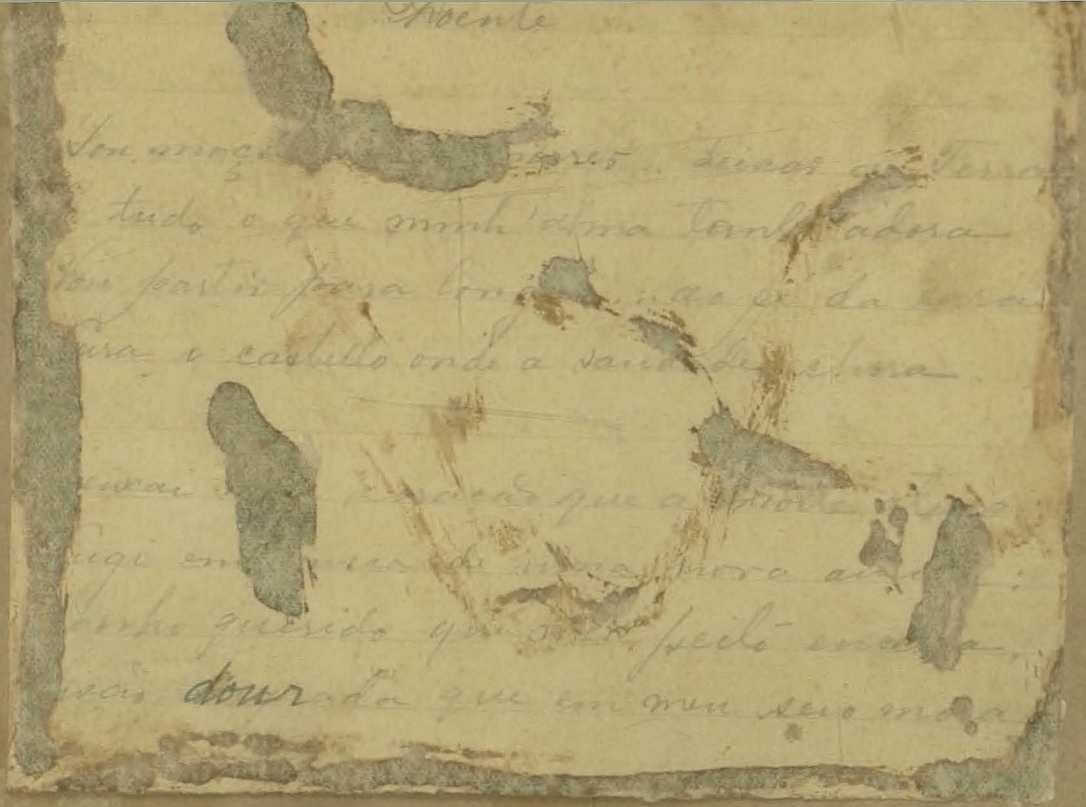
Thalias

Nada do que está escripto é bello: o que ha de mais divino no coração do homem nunca de lá sahe. O instrumento é de carne; a nota é de fogo. ——. Entre o que se sente e o que se exprime, ha a mesma distancia que entre a alma e as vinte e quatro lettras de um alphabeto. Isto quer dizer o infinito. Ouves traduzir n'uma flauta de canna a harmonia das espheras?"

O amor completo é paciente porque é absoluto e sente-se eterno.

Lamartine - Raphaël

Assis de Souza



Auta de Souza

Dhalias.

(1893 - 189?)

Macahyba.

A' memoria de meu pae,
de minha mãe
e de meu irmão.

Os tumulos dos teus dão-te regaços!
Amo-te a sombra do salgueiro afflicto
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Cesaz-me no bicorum ramo de... cypreste.

C. Alves.

A' minha avó e a meus irmãos.

As boas Irmãs do Collegio da Estancia,
almas piedosas e simples que me edu-
caram o coração e o espirito, offereço
o que houve de mais singelo e puro
n'este livro de versos.

6

"Meu Deus! nas [illegible] de [illegible] d'alma
Sobram perfumes — e não falta amor!"
C. de Abreu

Primeira pagina.

(A' minha avó)

Minh'alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias...
Gotta de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh'alma vai cantar, velhinha amada!
Rio onde correm minhas alegrias...
Anjo bemdito que me refugias
Nas tuas azas contra a sina irada!

Minh'alma vai cantar... Transforma o rio
N'um copo santo de caricias cheio,
Para este livro, - todo o meu thesouro... -

Eu quero vel-o, em desejada calma,
No rico sanctuario de tu'alma...
- Hostia guardada n'um ciborio de ouro! -

Angelina.

(A' memoria de Angelina C. da Silva)

Brilhante como uma estrella,
creança e já n'uma cova!
J. Eustachio de Azevedo.

Ter doze annos somente
E n'esta idade soffrer!
Sonhar um porvir ridente
E n'esta aurora morrer!

Eis o que foi-te a existencia,
O' desditosa Angelina,
Rôxo lyrio de innocencia,
Pobre gotta de neblina.

Como dois botões pequenos,
Duas flôres orvalhadas,
Teus olhos dormem serenos
Sob as pupillas cerradas.

Voaste, meiga creança,
Cão feiticeira e mimosa,
Como um riso de esperança,
Como uma folha de rosa.

É triste morrer no fim
De uma manhã d'esplendores!...
A fronte occultar assim
N'uma grinalda de flôres.

E sentir por entre a dor
Da derradeira agonia,
De mãe um beijo de amor
Roçar a fronte já fria.

Exando, n'um suspiro leve,
Est'alma que o corpo encerra

Como uma pomba de neve
A desprender-se da terra;

N'um vôo suave e franco
Fugiu para o céo de anil:
Vestirão-te então de branco
Como uma noiva gentil.

No setineo caixãosinho
Mais puro que as alvoradas,
Depuzerão teu corpinho
Entre as cambraias nevadas.

Alli no funereo leilo,
Toda coberta de rosas,
Tendo cruzadas ao peito
Duas mãosinhas formosas;

Pareces um anjo santo
Envolto em gelido véo,
Transpondo azulado manto
Como em procura do Céo.

Eu sigo-te o vôo alado
Pela esphera diamantina,
O meu anjo immaculado,
O' minha santa Angelina!

Passando...

(Ao talentoso poeta Dr Celestino Wanderley, em agradecimento a sua "Morte de Cecy.")

Quando vêm-me passar risonha e calma
Sem um pesar que me amargure a fronte,
Olhar perdido além pelo horizonte,
Cuidão que levo o paraiso n'alma...

Mesmo já achei quem me dissesse um dia:
"Invejo-te a existencia desenvolta."
Como se espinhos não tivesse a rosa
Ou fosse a vida isenta de agonia!

Porém emquanto, desdenhosa e altiva,
Eu vou passando, alegre ou pensativa,
A rir, a rir, como uma feliz demente...

Meu pobre coração dentro do peito,
— Triste doente a agonisar no leito —
Vai soluçando dolorosamente...

Renato.

Um menino interessante
É o Renato de Carminha:
Um cherubim tão galante
Cuidei que a tesa não vinha!

E como lhe assenta bem
A roupinha azul que veste..
Dá-lhe o ares de quem vem
De uma paragem celeste.

Quando elle passa, tão lindo!
A Tardinha a passear ...
Todos lhe fallam sorrindo
Com vontade de o beijar.

As mães o chamão: filhinho!
As moças dizem: meu bem!
Mas o capêlão do anginho
Não olha para ninguem.

Como elle fica engraçado,
-O pequenino tafuel-
Com o seu bonnet, posto ao lado,
Todo de velludo azul.

O seu cabellito louro
A se escapar do chapéo,
Parece uma nuvem de ouro
Querendo sahir do Céo.

Olhos azues.

(A Palmyra Magalhães)

O teu olhar azul claro
Reflecte não sei que luz,
O brilho fulgente e raro
Do meigo olhar de Jesus.

Eu cuido ver todo o encanto,
Toda a belleza do Céo,
N'estes teus olhos sem pranto,
N'estes teus olhos sem véo

Sinto uma doce ventura,
Uma alegria sem fim...
Se d'elles a chamma pura
As vezes cae sobre mim.

São flôres azues boiando
A tona d'agua, de leve,
Estes dous olhos beijando
O teu semblante de neve.

Este queixume amado!
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse
E n'um berço de flôr ella embalasse
Um riso abençoado.

Mas não, escuta bem: eu não te amei;
Se me quizeste amar mesmo nem sei...
Meu sonho é tão diverso!
Tenho alguem a quem amo mais que a vida,
Deus abençôa esta paixão querida,
Eu sou noiva do Verso.

E foi assim... N'um dia muito frio,
Achei meu seio de illusões vasio
E o coração chorando...
Era o meu ideal que se ia embora
E eu soluçava emquanto alguem lá fóra
Baixinho ia cantando:

« Eu sou o orvalho sagrado
Que dá alento e vida as flôres,
Eu sou o balsamo amado
Que sara todas as dôres.

Eu sou o pequeno cofre
Que guarda os risos da aurora,
Perto de mim ninguem soffre,
Perto de mim ninguem chora.

Todos os dias bem cêdo
Eu saio a procurar lyrios,
Para enfeitar em segredo
A negra cruz dos martyrios.

Vem para mim alma triste
Que soluças de agonia,
No meu seio o Amor existe

Eu sou filho da Poesia.»

Meu coração despiu toda a amargura
Embalado na mystica doçura
Da voz que vinha
Presa de Amor na suspirosa calma
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao Vento que passava...

Desde este dia nunca mais deixei-o:
Elle vive cantando no meu seio
Numa algazarra louca!
Que seria de mim se elle fugisse,
Que seria de mim se não ouvisse
A voz de sua bocca!

Não posso dar-te amor; bem vês; meus sonhos
São da Poesia os ideaes risonhos

Em lago de ouro immersos...
Tu não sabes dourar os meus abrolhos,
E eu procurava apenas nos teus olhos
Assumpto p'ra meus versos.

7-96.

De longe ...

(A' minha amiga Antonia Araújo)

Para os teus annos, formosa,
Onde não vão meus desejos!
Mas longe de ti, saudosa
Só posso enviar-te beijos.

Seria porém com pressa,
Cheia de muito receio
Que eu faria esta remessa
De beijos pelo correio.

E então, pelo espaço alado
Eu via-os voltar-se em bando,
Como um batalhão dourado
De passarinhos voando.

Podem assim, os amores,
Levar-te n'aza dispersos:
Minh'alma desfeita em flôres
E meu coração em versos

26-11-96

Partindo.

„ Espera eu voltarei, „ elle dizia:
(Quanto era triste o seu olhar tão doce!)
Chorosa e terna a falla lhe tremia
Como se a corda de algum' harpa fosse.

E ella, a pallida noiva estremecida,
Fitou no amado os grandes olhos seus...
E murmurou, baixinho e commovida,
Quasi a chorar e muito a mêdo: Adeus!

Antonietta.

Esta creança formosa
Tem um sorriso argentino,
Como o gorgeio divino
Que solta uma ave saudosa.

Muito innocente e mimosa
-Semelha um lyrio franzino,-
No rostinho pequenino
Guarda uma bocca de rosa.

Se falla a voz adorada
Parece uma harpa encantada
Que os hymnos de Alem discerna...

Esta creança, Senhor!
E' um mimo de teu amor
Um anjo descido a terra.

Meu sonho

(A' sympathica amiga Eugenia B. de A. Mello)

Eu tenho um sonho que no Pó mora
Feito de luz e feito de amor:
Um sonho rosco como uma aurora,
Um sonho lindo como uma flôr.

E eu vivo sempre, sempre sonhando,
O mesmo sonho de noute e dia,
O mesmo sonho suave e brando
De minha vida toda a alegria.

Quando eu soluço, quando minh'alma,
Cheia de angustia fica a chorar,
O sonho amado me traz a calma
E então minh'alma põe-se a sonhar.

Quando nas noutes frias de inverno

Eu tenho medo da tempestade,
Elle o meu sonho, consolo eterno,
Transforma as sombras em claridade.

Quando no seio, choroso e louco,
Palpita incerto o meu coração,
O sonho doce vem pouco a pouco
Trazer-me a graça de uma illusão.

E eu canto e rio na luz immersa
D'este diluvio de phantasias ...
Minh'alma vôa no Azul dispersa
Buscando a patria das harmonias.

Illusão doce, visão dourada,
Chimera excelsa dos meus amores,
Perola branca, caricia amada,
Balsamo puro das minhas dôres;

Elle, o meu sonho, pharol que encanta,
Mostra-me a patria da salvação,
Sorriso ingenuo, reliquia santa
Do relicario do coração!

No Templo.

Que suave harmonia
Tem tua voz:
Tu roubaste-a, Maria,
Dos rouxinóes.

Aqui na Igreja santa
Se vens rezar,
Quanta piedade, quanta!
Crazes no olhar.

Maria! como és bella
Junto a Jesus!
O teu olhar de estrella
Parece luz.

E que doce brancura

Na tua cõr
Tens a pallida alvura
De um lyrio em flôr.

Junta estas mãos, formosa!
Assim... assim...
Beija os labios de rosa
Pedir por mim.

Vale tanto uma prece
Dita por ti...
Mas... a noute já desce
Vamos d'aqui.

Olha que eu tenho mêdo
Da escuridão:
Vamos... termina cêdo
Tua oração.

Noemi

Eu quizera saber em que ella pensa
Esta mimosa e santa creatura,
Quando indeciso o seu olhar procura
Alguma estrella pelo Azul suspensa.

E que tristeza indefinida, immensa,
No seu olhar na flamma ardente e pura
Intermina e suave se condensa
Como as brumas no Céo em noute escura.

Pobre creança! Que infinita magua,
Punge-te o seio e te annuvia os olhos,
— Benditos olhos sempre razos d'agua! —

Choras?! E o mundo te offerece flôres...
Deixa os espinhos, lagrimas e abrolhos,
Só para mim, que só conheço dôres!

No album de uma amiga.

(A' Eugenia)

Quanta dor a boiar nos olhos das creanças,
Quanta gotta a tremer no calice das flôres...
E aqui n'este jardim plantado de esperanças,
Eu venho inda depor a lagrima das dôres.

A lagrima é o meu nome escripto entre as formosas
Paginas de teu livro, um berço de boninas!
Pois não bastava o orvalho a tremular nas rosas,
Nem o pranto a rolar nas faces pequeninos?

Dia de inverno.

(A memoria de meu irmão Junio)

N'um dia mesmo assim foi que partiste
Cheio de dôr e de tristeza cheio ...
E eu fiquei a chorar n'um doudo anceio
Olhando o espaço enevoado e triste.

Não sei se magua mais profunda existe
Do que a saudade que me opprime o seio,
Que esta amargura que feriu-me veio
Desde o momento em que tu me fugiste.

Os annos que já vão! Entanto eu scismo
A toda a hora no profundo abysmo
Que veio a morte ante de nós cavar ...

E cada noute n'aza de uma prece
Ou n'um raio de sol quando amanhece
Vejo tua alma para o Céo voar!

Lagrimas.

(A' meu irmão João Lucio de Araujo)

Eu não sei o que tenho... essa tristeza
Esse um sorriso de amor nem mesmo aclara,
Parece vir de alguma fonte amara
Eu de um rio de dôr na correnteza.

Minh'alma triste n'agonia presa,
Não comprehende esta ventura clara,
Esta harmonia ~~maviosa~~ não amara e rara
Esse ouve cantar além pela devesa

Eu não sei o que tenho.. Esse martyrio,
Essa saudade roxa como um lyrio
Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
O estertor prolongado e angustioso
Do ultimo adeus de um coração que morre.

A morte de Helena

«Eu não quero morrer,» dizia a pobre Helena,
E a fronte a soluçar cahiu no travesseiro...
Ella lembrava assim a pallida assucena
Que do galho a pender a flôr do jasmineiro.

«Não me deixem morrer assim na Primavera,
Esconde-me no seio, ó minha mãe querida!
A morte como é triste e o noivo que me espera
Ha de chamar por mim. Quem restitue-me a vida?

E poz a chorar: mas chegando o delirio
Esqueceu-se da morte e começou a rir...
Pobre noiva do Amor! Pobre folha de lyrio!
Ella os olhos cerrou como quem vai dormir.

Miserrima creança! Estava alli bem perto

A morte a se abeirar de seu leito sagrado,
Para arrastar-lhe o corpo ao tumulo deserto
Onde não brilha o Sol num um sorriso amado,

E quando despertou d'aquelle doce encanto,
Conhecen que morria e cheia de pavor
Supplicou de Jesus por seu martyrio santo
Que a deixasse na terra ao pé de seu amor.

"Mas sei que parto sempre" accrescentou chorando
"Mostrou-se-me da crença o doloroso véo ...
Minha mãe vem commigo, a morte vai chegando
E eu talvez possa errar o caminho do Céo!"

. . . . . .

E n'esta mesma noute, escura, tenebrosa,
Deixou a doce Helena a terra, pobre goivo!
Mas tinha para unguir-lhe a campa luctuosa
Uma prece de mãe e as lagrimas do noivo.

Soneto

(A' minha interessante afilhadinha, Maninha Gomes)

Tudo o que é puro, santo e resplendente,
N'este mundo cruel de desenganos;
Toda a ventura dos primeiros annos
De uma alma que desbrocha sorridente;

Tudo o que ainda vemos de potente
Na vastidão sem fim dos oceanos,
E da terra nos frontes soberanos
Crestados pela aurora refulgente;

Tudo o que desce do infinito ousado,
O Sol, a brisa, o orvalho perolado,
A luz do Amor, do Bem, das esperanças...

Tudo afinal que vem do Céo doirado
A despertar o coração magoado,
Deus encerrou nos olhos das creanças.

1893

Regina Coeli.

(A' minha amiga Antonia Araújo.)

Teu nome santo, ó Maria!
Tem a doçura innocente,
De uma caricia macia,
De uma chimera dolente.

N'elle se embala a esperança
N'uma meiguice dilecta,
Como no berço a creança,
Como no verso a poesia.

Do Céo teu nome nos desce
N'uma harmonia divina
Como o ciciò da prece
Nos labios de uma menina.

Teu nome é [illegible]
Prendido em formoso véo,
Qual branca nuvem no Espaço,
Qual uma estrella no Céo.

Teu nome reflete a imagem
Da melodia serena,
Que passa rindo n'aragem
E no voejar da phalena.

Uma blandicia suave
N'elle cantando divaga,
Como no Azul uma ave,
Como no Mar uma vaga.

Teu nome, cheiroso lyrio,
No niveo calice encerra
Todo o mysterio do Empyreo,

Toda alegria da Terra.

Como um contraste de encanto
N'este teu nome divino,
Toda a saudade do pranto
E todo o affago do riso.

Ah! todo o perfume amado,
Toda a fragrancia minuva,
Que o colibri namorado
Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor,
Todo o feitiço do olhar,
O orvalho a cahir na flor,
Sereno a cahir no Mar...

Tudo em teu nome palpita,

Tudo embriaga e seduz,
Como a delicia infinita
De um paraiso de luz.

E n' um canto repassado
De lyrismo que extasia,
Teu nome vive embalado,
Teu nome santo, ó Maria!

O Beija-flôr.

Acostumei-me a vêl-o todo o dia
De manhãsinha, alegre e prasenteiro,
Beijando as flores brancas do canteiro
No meu jardim — a patria da ambrosia. —

Pequeno e lindo só me parecia
Que era da noute o sonho derradeiro...
Vinha trazer ás rosas o primeiro
Beijo do Sol n'essa manhã tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... e eu quando
A suspirar me ponho contemplando
Sombria e triste o meu jardim risonho...

Digo a pensar n'esse tempo já passado:
Talvez, ó coração alanceado,
Aquelle beija-flôr fosse o teu sonho!

Feliz.

Me dizes que a ventura te foi dada
E contente tu'alma jamais chora,
Vive sorrindo á luz de uma alvorada
E a noute para ella é côr d'aurora?

Não creio n'esta dita, me perdôa,
Ninguem na terra pode ser feliz:
Até o sino que na torre sôa
Tem sua dor, nem sempre elle bemdiz.

Além, além... lá pelo Céo voando
A modular uns hymnos tão suaves,
Pombas dos centos lá se vão cantando...
Vas... tu crês na ventura d'essas aves?

Repara bem n'aquella que ficou

Pousada lá no cimo d'arveira,
Ella chora, coitada, pois deixou
Muito longe perdida a companheira.

Aves da terra, em tímidos adejos
Tambem alegres como as rolas mansas,
Rostos corados, rescendendo beijos,
Correm cantando bandos de crianças.

E emquanto passa em revoada louca
Esses dourados batalhões de archanjos,
Eu quero ouvir-te da risonha bocca
Se é eterna a ventura d'esses anjos.

Já que tu'alma assim a crê tambem:
Se te mostrasse o coração a mãe,
Uma criança que perdeu a mãe
Ouve e responde: que dirias tu?

Ainda affirma esta bocca perfumosa
Que n'este mundo em meio da vertigem
Alguma cousa ha sempre dilosa:
A consciencia santa de uma virgem.

As mocas tambem choram... Ouro e cofre
Guarda-lhe os prantos e os martyrios duros,
E de todas, aquella que mais soffre
É' a que tem o coração mais puro.

Somente tu és bem feliz... Já vês:
Que, se lutando com tristezas duras
Todos solução, é porque talvez
Tu nos roubaste as alegrias todas.

Ao Luar

Astros celestes docemente louros
Giraõ no espaço em luminoso bando,
Ouve-se ao longe um violão gemente
E mais ainda n'um luar dolente
Canções serenas ao luar vagando.

Quanta tristeza pela noite clara!
Quanta saudade pelo Azul boiando!
Cuida-se ouvir n'um doloroso choro
As preces tristes de um magoado côro
De almas penadas ao luar vagando.

O Céo parece uma igrejinha antiga
Que a Lua branca vai alluminando...
E estas estrellas muito além dispersas,
Saõ rosas brancas no Infinito immersas,

Gonjas banditas ao luar chorando.

Os pyrilampos pelas montas tristes
Vão calados e subtis brilhando...
Lembrão descrenças a bailar sombrias,
Illusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esphera adejão
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelhão preces que se vão da terra,
Almas mimosas que este mundo encerra
De creancinhas ao luar sonhando.

Ellas parecem tambem velas brancas
Soltas, a toa, pelo Mar vogando...
Seres e tempos, a correr, immensas,
Petalas de lyrios pelo Ar suspensas,

Aves saudosas ao luar chalrando.

Ai! quem me dera ser tambem creança!
Ai! quem me dera andar tambem voando!
Fazer dos astros um barquinho amado,
N'elle vagar por todo o Céo dourado...
As minhas dôres ao luar cantando!

Desalento.

Quando o meu pensamento se transporta
Ás praias d'além-mar,
Sinto no peito uma tristeza immensa
Que me manda chorar.

É' que vejo morrer uma por uma
Santas esperanças,
E voar com os passaros saudosos
As minhas illusões.

Não julguei que o mundo fosse um templo
De sonhos juvenis,
Sorrindo acreditei que aqui na terra
Podia ser feliz...

Enganei-me - a tristeza que me opprime

O coração sem luz,
Como do Sol o derradeiro raio
Nos braços de uma Cruz;

A tremula saudade que entristece
E faz desfallecer,
Esta agonia lenta que me inspira
Desejos de morrer...—

Tudo me diz que é a vida é o desengano,
A morte da Illusão,
E o mundo um grande manto de tristezas
Que enluta o coração

1833

Pagina triste

Ah! vem, vem ter commigo
Deixa os que te não seguem;
Terás em peito amigo
Lagrimas que te reguem,
Espaço em que floresças.
G. Dias.

Ha muita dor por este mundo a fóra,
Muita lagrima a tôa derramada,
Muito pranto de mãe angustiada
Que vem saudar o despontar d'aurora!

Alma innocente só de amor cercada
A creancinha a soluçar descora:
Talvez no berço onde um infante chora
Tambem, ó Dor, tu queiras, desolada,

Erguer um throno, procurar guarida...
Foge do berço! não magões a vida
D'est'ave implume, lyrial botão.

Queres um ninho, um carinhoso abrigo?
Pois bem! procura-o n'este seio amigo,
Dentro em minh'alma, aqui no coração.

Morta

(~~A' memoria de minha amiga Laura da S. Beltrão.~~)

A Jahel Beltrão

Dos braços da mãe querida
Desceu Laura a sepultura;
Morreu na manhã da vida
Creança ainda e tão pura!

Não viu desbrochar-lhe n'alma
A aurora dos quinze annos,
Fugiu innocente e calma
Ao mundo cheio de enganos.

Temeu, pobre mariposa!
O encanto louco das brazas,
Pois na friez de uma lousa
O archanjo não queima as azas.

De todo o choro dia
Só nos ficou na lembrança
Como visão fugidia
D'aquella virgem creança!

Um caixãozinho funereo
Abysmo de nossas dôres -
Conduzido ao cemiterio
Com uma cesta de flôres.

A' alguem.

Partiu-se o fio branco e delicado
Dos sonhos de minh'alma desditosa,
E as contas do rosario assim quebrado
Cahirão como folhas de uma rosa.

Debalde eu as procuro lacrymosa
Estas dôces reliquias do Passado,
Para guardal-as na urna perfumosa,
Do meu seio no cofre immaculado.

Ai! se eu ao menos uma só pudesse
D'estas contas achar que me fizesse
Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria... Mas minh'alma attenta
Em vão procura uma continha benta:
Quando partiste m'as levaste todas!

Doloras

Já vão caminho do cemitério
Meus louros sonhos em visões negras;
E vão-se todos no Azul sidereo
Como uma nuvem de toutinegras.

A noite de hontem levei chorando
Todo o passado de meus amores,
E o dia ainda me achou rezando
No immenso terço de minhas dôres.

Vejo na vida longo deserto
Sem doce oasis de salvação;
Dentro em minh'alma douda, chorosa,
De pobre moça tuberculosa
Cheio de mêdo, tremulo, incerto,
Bate com força meu coração.

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
Convulsa e fria, boca de espanto,
Solto suspiros, soluços roucos,
Olhando as cruzes do Campo santo.

Porque me lembro que muito breve
Leva-me a elle tanta dôr physica..
E dentro em pouco, branco de neve,
Verão o esquife da pobre tysica.

Cantando...

(Ao meu irmão H. Castriciano.)

Tão mimosa estrella
No Céo hontem vi,
Que minh'alma ao vel-a
Pensou logo em ti.

Pensou em ti, santo!
Vendo-a assim brilhar...
Parecia o encanto
De teu doce olhar.

De teu olhar puro,
Meu celeste amor!
Onde o meu futuro
Vai boiando a flôr.

Vai boiando a toa
Sem querer pastar,
Qual penna que vôa
Suspensa no Ar.

Suspensa voando
Como um Cherubim
Que passa cantando
Pelo Azul sem fim.

Pelo Azul se estende
Quem deseja amar
Qual nuvem ou onda
No Céo ou no Mar.

No Céo anoitece
Ninguem vê o Sol.
Mas que importa? Amece

É um rouxinol.

Rouxinol que chora
Mas sempre a cantar:
Quando nasce a Aurora
Cambem canta o Luar.

Cambem canta amores
Um'alma sem luz...
(Nunca viste flôres
Aos pés de uma Cruz?)

Aos pés de Maria
Como é bom rezar!
Que casta ambrosia
Se espalha no Altar!

E espalha no labio

Sem gosto de fel
O doce resabio
De um favo de mel.

De um favo tão doce
Como o teu olhar;
Pois n'elle encarnou-se
Mimosa a brilhar...

Mimosa e tão clara
A estrella que eu vi!
A luz que me aclara
Quando penso em ti.

Pobre flôr!

Deu-m'a um dia uma antiga companheira
Do meu tempo feliz de adolescente,
E os meus labios roçarão docemente
Pelas folhas da nivea feiticeira.

Como se afaga uma illusão primeira
Um sonho estremecido e resplendente,
Eu beijei-lhe a corolla rescendente
Tonda mais do que a flôr da laranjeira.

Como eu amava-lhe o setoso brilho!
Tinha-lhe quasi essa affeição sagrada
Da joven mãi ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca.
Mas, ai! depressa ella murchou, coitada!
Pobre e mesera flôr cheirosa e branca!

Um sorriso

Tudo era calmo... Junto, ao pé do altar
Meu coração rezava docemente.
E um cirio branco triste a soluçar
Dizia a flôr n'um murmurar dolente:

Vê minha irmã, aqui na solidão
Dorme Jesus, sosinho, abandonado...
Não sente palpitar um coração
Que lhe traga um sorriso abençoado.

Elle diz: vinde a mim que chorais
E o vosso pranto mudarei em flôres,
Eu quero recolher os vossos ais
No cofre onde descanção minhas dôres.

Falla Jesus e o mundo nao responde...

O homem ri-se nos salões ruidosos,
E aqui dorida nossa voz esconde
A magua funda dos que vão chorosos."

Calou-se o cirio e a rosa entristecida
Entreabrindo o calice perfumado
Murmurou n'uma prece indefinida
De mãe que pede pelo filho amado:

"Quero o meu leito aqui junto ao Sacrario
Minha tumba nos braços d'essa Cruz;
E' tão doce subir para o Calvario
Beijando a terra onde pisou Jesus!

E depois?... Quando a luz te consumir
Cahirão minhas folhas requeridas,
Outros cirios e rosas hão de vir
Redizer nossas queixas doloridas."

Assim fallou a rosa e desfolhada
Tombou chorando sobre a pedra fria;
Da pobre vela reduzida ao nada
Lagrimas apenas no altar se via.

. . . . . .

Eu acordei... Uma tristeza infinda
Lembrou do sonho a imaginaria dôr,
E do meu leito em escutara ainda
Gemer o cirio e soluçar a flôr.

1893.

Meu Pai.

Desce meu pai, a noute baixou mansa,
Nem uma nuvem se vê mais no Céo,
Aninharão-se aqui no peito meu
Onde chorando a negra dôr descansa.

Quando morreste eu era bem creança,
Balbuciava sim o nome teu,
Mas d'este rosto santo que morreu
Já não conservo a minima lembrança

A noite é clara ... e eu aqui sentada
Tenho medo da Lua embalsamada
Vara-me o frio a alma commovida.

Se lá no Céo tambem se soffre assim
O' vem sentar-te aqui perto de mim
Tua benção, meu pai, me dará vida!

1893

Barro Vermelho, 14 de Março de 1900

Bôa Julieta

Ha quantos dias não recebi a sua carta! Estamos na Quaresma, tempo de caridade, por dôe-me ainda esta falta.

Como passa de saude com os seus? Eu vou passando regularmente, de uns oito dias para cá. Depois que você escreveu-me pondo uns dias bastante aborrecida. Quando vem por aqui? estou pensando que não mereço esta

honra. Antehontem estive na beira, em casa do Dr. Chaves, do passar o Batalhão; pense muito em você, mas não foi possivel ir vel-a.

Adeus. Todos os meus envião-lhe lembrança e ao Snr. Mascarenhas a q. você me recommendará.

Aceite muitas saudade e um beijo da sua

Ad
T. L.

P.S. Este soneto é para o "Ei de Setembro." Adeus! Adeus!

A ti...

Imagem santa que entrevejo em sonho
Sempre, sempre a cantar.
Creatura innocente, anjo risonho,
Que me ensinaste a amar;

Meu doce amor! Cathandra maviosa
Que canta dentro em mim...
Minha esperança timida e formosa,
Meu sonho de marfim!

Amaranthe do Céo, flôr encantada,
Mimoso colibri;
Minha assucena pallida e magoada,
Meu nivo bogary...

Gotta de orvalho a tremular n'um lyrio

Que inda começa a abrir.

O' tu que apagas meu cruel martyrio
E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lyra de ouro,
Celeste beija-flôr;
Minha camelia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que só dizem magoa
E tristezas sem fim...
Deixa-os ao leis como a gotta d'agua
No calix de um jasmim.

Recuerdo

(A Chiquinha Pinheiro)

Findava o mez de Maio envolto em preces
O doce mez das orações formosas...
Saõ com elle as encantadas messes
Dos perfumes, dos sonhos e das rosas.

Era muito a tardinha, as ~~Sol poente~~ aves mansas
Voavam todas em [illegible] pares
~~Em berço de ouro adormecia além...~~
Como se fossem virginaes creanças
~~Os passaros trinavaõ docemente,~~
~~Que andassem rindo a percorrer os ares!~~
~~Passava a brisa a chilrear tambem.~~

Eu murmurava ao ver assim voando
Aquellas aves para os brandos ninhos:
«Ah! quem me déra só andar cantando
Sempre creança como os passarinhos!»

Fim

~~E emquanto estava n'este lêdo encanto~~

A contemplar a noute que descia,
Emquanto preso de um delirio santo
Todo o meu ser chorava e estremecia;

Vi que chegavas para mim, creança,
Tendo nos olhos um lampejo dôce,
E me dizias n'uma voz tão mansa
Como se o echo de um suspiro fosse:

« Em que tu pensas, meu amor do Céo!
Que magua funda no teu seio existe?
O mundo inteiro vendo o pezar teu
Se envolve em sombra e vai ficando triste.

Em que tu scismas? Vês? Até as flôres
Pedem ao Céo que lhes conceda o orvalho
Para sentir as tuas grandes dôres
E vão chorando a tremular no galho.

Não penses na tristeza ... As tardes bellas
Levão no seio todos os abrolhos ...
Ergue a cabeça e deixa que as estrellas
Venhão brilhar na noute de teus olhos.

O que vale na vida um sonho amado!
O que vale na terra uma illusão!
Sonha querida, e que este sonho adorado
Erga nas azas o teu coração ...»

E te calaste. Ao longe se extinguia
Do Sol poente o derradeiro raio.
Meu Deus! como era triste esta agonia,
O ultimo adeus do desolado Maio!

E eu vi descer pelo teu rosto ardente
Convulso o chôro em torrentes pio...
E tive pena d'este olhar dolente

Banhado em pranto a tiritar de frio...

Lyrio celeste! O pranto de tu'alma
Foi para mim um raio de Esperança.
De minhas magoas na tristeza calma
Elle semelha um arco de alliança.

Deixa cahir o teu olhar bemdito
Sobre minh'alma como um pallio aberto..
Que importa a Dôr? Meu coração afflicto
Vê nos teus olhos um futuro certo.

E quando um dia eu me ausentar de terra
Quero-te junto a mim triste a chorar...
A agonia da Morte não me aterra
Se eu vir o Céo na luz de teu olhar.

Minha mãe.

Quantos annos já fazem que morreste,
O' minha santa mãe estremecida!
A derradeira e sepulchral guarida
Quantos annos já fazem que desceste!

Bem cêdo quiz roubar-te a nosso affecto
A mão tremente da impiedosa sorte,
No entanto eu não creio em tua morte
Anjo celeste, meu amor dilecto!

As vezes qual um 'asa negra, escura,
Foge de mim a sombra da Amargura...
Mas os meus sonhos de prazer ethereo...

Já não tendo em teu seio um doce abrigo,
Vão fenecer ao pé de teu jazigo
Na fria solidão de um cemiterio!

1892

Flôres.

(A Leopoldina e Rosa de V. Monteiro.)

Quando começa a raiar
O dia cheio de amor,
Eu gosto de contemplar
O coraçãõ de uma flôr

Desmaiada e tremulante,
Pendendo triste do galho
Tendo o pistillo brilhante
Embalsamado de orvalho.

A rosa só me parece
Assim tão casta e sem véo,
Um anjo espedindo prece,
Um' alma voando ao Céo.

Do jasmim puro e mimoso
A corolla embranquecida
É como o seio formoso
De uma creança adormida.

Eu leo immensas horas
A contemplar estas flôres,
As violetas, auroras,
Saudades, lindos amores.

Vivo como as florinhas bellas
Que se embalam docemente,
Assim pura como ellas
Vive minh'alma contente

Extinctō.

Não me perguntes se te amei nem quanto
Meus pobres olhos hão por ti chorado..
Ai! não queiras saber se foste amado
Entre sorrisos, se da dor no pranto.

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
Que o meu amor em tempo já passado
Maior era que o mundo e tão sagrado
Como as ondas do Mar sereno e santo.

Hoje não te amo mais. Sucro desfeito
Todo um passado que me trouxe ao peito
Dôres eternas, lagrimas sem fim...

Quanto chorei por ti! Ás vezes penso
Que além no Azul talvez o Céo immenso
Em noites sem luar não chore assim!

Ao meu bom anjo.

Dizem que a vida não é mais que um sonho,
Meu Deus, quero sonhar!
Empresta-me, anjo bom, as tuas azas,
Guarda no seio a minha fronte em brazas,
Ensina-me a orar!

Vamos... vamos... assim... foge commigo!
Procuremos além um doce abrigo
Na patria dos archanjos...
A vida é sonho e como um sonho passa:
Pois bem! vamos viver no Céo da graça
Meu Deus, como dous anjos!

Vamos fugir do mundo tenebroso
Labyrintho de dôres...
Mensageiro divino vem commigo,

Quero sonhar, viver, rezar contigo
No Eden só ha flôres!

Minh'alma - casta rôla abandonada -
Desfallece sosinha pela estrada
Não pode mais voar ...
Empresta-lhe, anjo bom, as tuas azas:
Sinto estalar-me o coração em brazas
Cançado de chorar.

Assim vivendo pelo espaço em fóra
E vendo a meu lado a toda a hora,
Quero - fugindo d'este mundo agreste
Unida ao seio teu,
Embalada por ti, anjo celeste, -
Buscar meu ninho pelo azul do céo!

Nunca mais.

. . . . . Il n'est plus dans mon cœur
Une fibre qui n'ait résonné sa Douleur.
Lamartine - Harmonies.

Tudo é feito de meu sonho, um sonho puro,
Feito de rosa e feito de alabastro,
Chimera que brilhava como um astro
Pela noite sem fim do meu futuro!

Tudo é feito de meu sonho, o copo aberto
Que recebia as perlas de meu pranto;
Gottas de orvalho, folhas de amaranto,
Perdidas na viuvez do meu deserto!!

Elle passou como uma nuvem passa
Roçando o Azul em flôr do firmamento...
Tudo se foi e apenas o tormento
Sobre minh'alma triste inda esvoaça.

Meu casto sonho! Já se foi cantando
Talvez em busca de uma patria nova...
Deixou-me o coração como uma cova
E dentro d'elle o meu amor chorando.

Nunca mais voltará. O que lhe importa
Esta morada lugubre e sombria?!
Não pode agasalhar uma alegria
Minh'alma, pobre morta!

Estrada a fóra...

Ella passou por mim toda de preto
Pela mão conduzindo uma creança...
E eu entrei ver alli uma esperança
E uma saudade em pallido dueto.

Foi quando a perda de um sagrado affecto
Me lastimar esta mulher não cança,
N'uma alegria desmedida e mansa
Passa a creança, e beija flôr inquieto.

Eambem na Vida; o goso e a desventura,
Caminhão sempre unidos, de mãos dadas,
E o berço as vezes leva a sepultura...

No Coração, um horto de martyrios!
Brotão emfim as illuzões douradas,
Como nas campinas desabrochão lyrios.

Pelo passado.

Era um dia de Mais... Encheu-se o Templo
De grande multidão:
Mas só rezavão aquelles que querião
A paz do coração.

Eu era d'este numero; ajoelhei-me,
Fiz o signal da Cruz...
Estava muito triste e desejava
Conversar com Jesus.

Ao pé de um santo Tabernaculo
Comecei a chorar...
Lembrava-me da infancia que fugira
Para nunca voltar.

E repassei na mente attribulada,

Assim n'essa attitude,
Os sonhos lyricos e perfumosos
De minha juventude.

Porém se o triste labio murmurava
Sentidas orações,
Eu ouvia o soluço angustiado
De minhas illusões.

De minhas illusões que se partião,
Dolentes e chorosas,
Como os anjos voando d'este mundo
Ás plagas luminosas.

E emquanto assim aos pés do Redemptor
Choravão meus lamentos...
Já no Templo de todo se extinguia
A luz dos cirios lentos.

1854

Versos ligeiros

(A' uma moça)

Eu acho tão feiticeira
A Lourencinha da esquina
Com o seu recato de freira
Muito morena e franzina;

Sue fico toda encantada
Quando na Igreja a contemplo,
Pois cuido ver uma fada
Ajoelhada no Templo.

Doce mavem côr de rosa
Parece que a Deus se eleva,
D'aquella bocca mimosa,
D'aquelle olhar côr de treva.

E' sua prece que vôa,

Indefinida e tão mansa,
Como um hymno que reza,
Como uma voz de criança.

A trança de seu cabello,
(Como ella é negra, Jesus!)
Semelha um lindo novello
Tão fofo que já reluz.

Com a boquinha vermelha
Como uma rosa entreabrindo...
(E' um favo de mel de abelha
Aquella bocca sorrindo.)

E a mim o que mais encanta
E' o eco de sua voz:
Parece ter na garganta
Um bando de rouxinóes.

Minh'alma nunca se cança
De vel-a assim tão divina,
Sempre formosa e creança
Com o seu perfil de menina.

As vezes eu olho-a tanto,
Com tanta veneração,
Que fico muda de espanto
Depois da contemplação.

É verdade que não faz
Mal nenhum se a fôlo assim...
Mas, Deus! se eu fosse rapaz
O que dirião de mim?!...

Bemdita.

Bemdita sejas, minha Mãe, bemdita
Seja o teu seio immaculado e santo
Onde derrama as gottas de um pranto
Meu dolorido coração afflicto.

O' minha Mãe, ó anjo sacrosanto,
Bemdito seja o teu amor, bemdito!
Ouve do Céo o amargurado grito
Cheio de dor de quem soluça tanto.

E deixa que reponce em teus joelhos
A minha fronte movendo os teus conselhos
Longe do mundo, ó sempiterna dita!

Envia lá do Céo no teu sorriso
A morte que leva-me ao Paraiso ...
Bemdita sejas, minha Mãe, bemdita!

Poemeto.

Dádá tinha um filhinho muito louro,
Tão louro como um raio de luar...
Aquella creancinha era o thezouro,
O encanto abençoado de seu lar.

Dádá amava-o tanto que no mundo
Su'alma em cousa alguma achava brilho,
Nada alterava-lhe o amor profundo:
Só via o berço onde dormia o filho.

Quanto cuidado e que affeição tão santa!
A areia onde de dia elle corria
Se ella podesse, (ah! se não fosse tanta!)
Mesmo dentro do seio a guardaria.

Desejava que a terra fosse um ninho

Habitado por ella e os seus amores,
Queria ainda que o formoso anjinho
Só visse o Céo e só pisasse em flôres.

Pois se elle era o sorriso de seus olhos
Desde que o esposo para Além se fôra!
Se era a luz que surgia entre os abrolhos
De su'alma tristonha e soffredora!...

Sorrindo a mãe dizia olhando a terra
E o ~~casto~~ manto azul do lá do Céo:
"Sois muito lindos, mas nenhuma encerra
Cousa mais linda do que o filho meu."

E tinha bem razão... O seu Saninho
"Aquella creatura tão franzina!"
Guardava lyrios brancos no rostinho
E uma rosa na bocca pequerinna

Não consentia que elle um só minuto
Do regaço materno se afastasse...
– Era um contraste o seu pesado luto
N'alvura virginal d'aquella face! –

E se, ás vezes, a garrula creança
Disparava a correr jardim a fóra,
Dádá pensava que sua esperança
Ia fugindo ou que morria a aurora...

Então ~~observava~~ chorava cheia de receio
Como se o seu filhinho mais não visse!
E, se o alcançava, comprimia-o ao seio
Temerosa que ainda lhe fugisse.

Se elle morresse o que seria d'ella:
– Dádá cuidava ás vezes tristemente. –

Se essa creança era como ~~uma~~ a estrella
~~Se ella era p'ra a alma como a estrella~~
Que guiava os reis Magos no Oriente?

Ficaria sosinha, pobre mãe!
Chorando o louro anjinho estremecido?
Oh! não! mil vezes não! Ella tambem
Iria atraz do filho tão querido.

∴

E entre esperanças e temores francos
Lauro crescia cada vez mais lindo;
Quando sorria os seus dentinhos brancos
Lembrava a gente um bogari abrindo.

∴

Um dia ao acordar Lauro queixou-se
De que o corpinho todo lhe doia...
A mãe cercou-o de um carinho doce,

O seu filhinho de que soffreria?

E elle chorava que fazia pena
N'aquella alegre e limpida manhã
Pallida a face como uma assucena
E o roseo labio a murmurar: mamã!

Dada beijava aquella mão querida,
Os pés e o rosto e todo o corpo e a bocca...
Queria ver se lhe incutia a vida
N'aquelles beijos que lhe dava, louca!

O triste pobresinho soluçava
Entre as caricias do materno affago,
E em seus olhos a morte esvoaçava
Como uma pomba a tona azul de um lago.

E antes do Sol pender para o horizonte

O Cherubim cessava de existir ...
E alguem ainda lhe ouvira a fronte:
Era Dádá a soluçar ca sid.

Estava louca. D'ora em diante a vida
Que lhe traria ao ninho seu deserto?
Lauro morrera... branca flôr pendida
Combara murcha n'um esquife aberto!

Ella bem viu quando carregarão
O meigo archanjo dentro de um caixão...
Minas cruéis! Do seio lh'o arrancarão
E com elle tambem seu coração.

* * *

Ha muitos annos que isto succedeu
E, entretanto, o que da morte a salva,
E' que Dádá quando contempla o Céo
Diz que seu filho está na estrella d'Alva.

Jesus.

(D. Emilia Maria Alves Guerra)

Eu vos adoro, ó Salvador bemdito,
Expirando no cimo do Calvario
Sobre a Cruz, negro leito mortuario
Que vós fôra um povo ruim, maldito!

Parece que vos vejo soluçante
Lutando com as dôres da agonia,
No passo que no auge da alegria
Gritava aquella turba delirante:

"Ó filho de Deus! desce e nós creremos,
Salva-te: só assim, abraçaremos
essa extranha doutrina que pregaste"

Ouço então que exclamais amargurado
Dos braços d'esta Cruz, throno sagrado
"Meu Pai, meu Pai, porque me abandonaste!"

1895

A' ...

Eu fizeste de meu peito,
O' meu anjo, ó meu amor!
Um ninho vasto e desfeito,
Um sanctuario de dôr.

Desfolhaste a santa crença
Que eu tinha no coração
Envolveste em treva immensa
A minha doce illusão.

Meu peito é hoje deserto
Qual uma cella de monge,
Vivendo de ti tão perto
Parece que está bem longe.

E tu deixaste isolado

Meu seio nú de esperanças,
Como um ninho abandonado,
Uma casa sem creanças.

Por isso quero voar
Além, muito além, além...
P'ra ver se acho um lugar
Onde não veja ninguem

Talvez então eu chorasse
Vivendo longe de ti,
Mas que tinha de encontrasse
A par que fugiu-me aqui?

Vou sepultar dentro d'alma
A historia do meu amor;
Quero só viver em calma
Embalando minha dor.

Mais vale um peito magoado,
Chorando soffrer a sós,
Que ver o ente adorado
Passar zombando de nós.

A memoria de uma ave.

Quando morre uma creança
Se diz que o pallido anginho,
Voou como uma esperança,
Foi para o Céo direitinho.

Mas nossa mente se cança
A voar de ninho em ninho
Interrogando a lembrança
Quando morre um passarinho.

Só eu se alguem diz que a vida
De uma avesinha querida
Se extingue como um clarão:

Ponho-me a rir pois, divina,
Ouço cantar em surdina
Tu'alma em meu coração.

Na Judéa

(Imitando a Transfiguração de G. Crespo.)

Tinha Jesus no olhar o azul dôce dos mares
E no cabello louro os raios estrellares.

No seu sorriso em flor alguma coisa havia
Dos beijos virginaes dos labios de Maria.

Seu passo era tão leve e sua voz tão mansa
Como deve ser leve um sonho de creança.

Elle vinha do Céo dizer ao mundo inteiro:
« Eu sou filho de Deus, Messias verdadeiro. »

O povo soluçava ouvindo a voz dolente
Do pallido Jesus, tão dôce e paciente!

E Maria tambem, lembrando a prophecia
Do velho Simeão, da espada da agonia;

Soluçava de dor fitando os olhos caros
No rosto de seu filho, em seus cabellos claros.

Mas Jesus a sorrir fallava a turba immensa,
Silenciosa a escutar de sua voz suspensa;

E a palavra de luz em seus labios descia,
Como o pranto de dor nos olhos de Maria.

Visita a um tumulo

(A minha bôa tia Mª Concordia de Lemos.)

(1893)

Quando fui ver a pallido jazigo
Onde dormem os restos de meus paes,
O dia começava a entristecer-se,
Ja murchavão as flôres divinaes...
E a brisa que sobrava leve e fria
Annunciava a noute que descia.

Senti apoderar-se de minh'alma
Uma magua profunda e dolorosa,
Sfavia alguma cousa de solemne
N'aquella athmosphera vaporosa...
E eu senti que a vida me fugia
Na luz ethereal que além morria.

Quando cheguei ao pé da Egreja entrei

Pela porta que então mostrou-me abrigo,
O Sol embalado em leito de ouro
Parecia chorar tambem commigo ...
E descia e descia p'ra o poente
Olhando as tristes brumas do Oriente.

Ajoelhei-me então perto da lousa,
N'ella pousei os labios convulsivos ...
Ai! a doce prece d'aquella campa
Em mim achava echos expressivos...
Era tão fria em sua santa calma
Que me gelou todas as fibras d'alma.

E rezei pelas duas vidas justas
Que alli dormião o somno derradeiro:
Minha mãe! um'alma crystallina!
Meu pai! um astro que passou ligeiro!
E chorei porque veio-me a lembrança

Dos beijos que me dirão em creança.

Ah! se eu podesse recostar ainda
No seio maternal a minha fronte
E rever atravez de uns olhos ternos
A aurora de um sorriso horizonte ...
Eu seria feliz como em pequena
Quando esta vida me sorria amena.

Com os olhos molhados da saudade
Eu me partia o coração de dôr,
Foi que deixei o derradeiro ninho
De quem na vida só me teve amor.
Lá no Céo já sorrião peregrinas
As primeiras estrellas vespertinas.

E pus-me a caminhar entristecida,
Emquanto as auras n'um chorar afflito,

Vinhão de longe, das cerúleas plagas,
Da solidão immensa do Infinito
Trazer-me — cómo os ventos soluçavão! —
A saudade dos mortos que choravão.

Ao Mar.

Hontem a tarde ao pé de ti sentada
Eu poz-me a contemplar-te, ó mar bravio!
Pensava que acolhida em tuas ondas
Talvez minh'alma não tivesse frio!

Contei-te uma por uma as crueis dôres
De minha vida toda de saudade,
Quiz afogar as minhas magoas fundas
No leito azul de tua immensidade.

Como seria bom morrer ahi,
Moça, innocente, tendo n'alma em flor,
Um mundo virgem de sagradas crenças
Todo banhado no ideal do Amor!

Me darias então a sepultura

N'estas espumas, murmurosas, bellas,
E a noute, se mirando em tuas aguas,
Me cobriria o Céo de mil estrellas.

Ao pé de ti, como um soluço brando,
Sinto fugir-me, pouco a pouco, a vida...
Chorai vagas, por mim! dobrai finados
Bem como os sinos de ribomba ermida!

No mausolêu angusto do Oceano
De outros dobres minh'alma não precisa;
Por supplica mortuaria só desejo
O soluço do vento que desliza.

Ao menos, eu ahi esqueceria
A atroz desillusão que me devora,
N'um instante seria satisfeita
Como uma flôr ao desponctar d'aurora.

Dezembro - 1883

Lucubrações

Archanjo! este choro teu
Faz reviver meu amor
Como o sereno do Céo
Cahindo sobre uma flôr.

E como a flôr destinada
A não viver nem um dia,
Bemdiz a gotta nevada
Que, lá do Céo, Deus envia...

Eu presa do mesmo encanto
D'esta tristeza na calma,
Tambem abençôo o pranto
Que vem do Céo de tua alma.

Magoas.

No teu olhar cheio da luz chorosa
Que envolve o Espaço quando a tarde expira,
Boia uma dôce magua lacrymosa,
Uma saudade indefinida gyra...

Quem dera que eu soubesse, flôr do Céo!
Porque a tristeza nos teus olhos gème...
Mas... não sabes dizer onde nasceu
A gotta branca que em teu cilio treme?

Embora affirmes que não tem começo
A dor tem fim que no teu seio existe,
Queres, assim, eu muito bem conheço,
Fazeres crêr que já nasceste triste.

E fallas a sorrir: « Essa dolente

Tristeza amarga que me empana o olhar,
E' como a onda que chora eternamente
E jamais pode se afastar do Mar...."

Mas, se então fitó-te a carminea bocca
E vejo rubro um labio que sorri,
Logo me vem uma incerteza louca
A mente e ao coração, se és tu quem ri.

Pois é tão mansa a chamma d'estes olhos
Envoltos na caricia do sorriso,
Que eu penso que teus cilios são abrolhos,
Abrolhos rodeando um paraiso.

Hoje.

Fiz annos hoje... quero ver agora
Se este soffrer que me atormenta tanto,
Me não deixa lembrar, a paz, o encanto,
A doce luz de meu viver de outr'ora.

Eão moça ainda eu não conheço aurora,
Foge-me a vida no correr do pranto...
E, como a nota que despede um canto
Perdida evae-se pelo Espaço em fóra...

Vôa minh'alma as plagas do Passado
Em busca ainda d'esse ninho amado
Onde risonha descançou um medo...

Mas, qual! A sorte caprichosa, esquiva,
Mata-me sempre no fatal degredo...
Minha ventura só durou um dia!

12-7-94

Meu coração.

Meu coração é como a noite escura
Cercada só de dôres adormidas,
É como um negro tumulo vasio
Onde repousão esperanças idas.

Meu coração é como a folha murcha
Que o vento frio desligou da flôr,
É como um ave que se vê sosinha,
Sem lar, sem pão, sem vida e sem amor.

Meu coração é como a nota triste
Que se evola dos sinos magoados,
Quando da Igreja nas escuras torres
A gemer, a gemer, dobrão finados.

Meu coração é como a nuvem negra

Sue sobre a terra nas manhãs geladas.
É uma pallida andorinha morta
N'um leilão frio de illusões passadas

1893

A volta do sertão

É' tempo de voltar. O inverno finda
E as arreinhas se mudando estão ...
É' preciso deixar a terra linda,
As singellas casinhas do sertão.

É' forçoso partir, embora ainda
Sinta estalar de dor o coração,
E a alma cheia de saudade infinda
Sósinha chore em triste solidão.

Vamos meu peito não soluces tanto ...
Occulta bem o teu sentido pranto,
Vão tenhas pena de quem fica aqui.

Olha, amanhã, quando inda fôres perto,
Alguem contente sorrirá de certo
E nem sequer se lembrará de ti!

Junho de 93.

No album de Dolores

Escuta-me bem, Dolores,
Não queiras meu nome aqui:
Elle não é colibri
Para viver entre flôres.

Tu'alma, irmã de Jesus,
Como consente ficar
Sobre a mesa de um altar
Um pobre cirio sem luz?

Meu triste nome chorou
Ter uma outra habitação:
Guarda-o no teu coração,
Lyrio celeste e formoso!

Rasga esta folha, Dolores,

Não digas meu nome ahi:
Elle não é colibri
Para viver entre flôres.

Força do destino

Minh'alma treme como a mariposa
Que se atira na chamma alucinada...
Por cada vez que o meu olhar se fonsa
Nos olhos teus, ó creatura amada!

E em vez da sombra onde o olhar repousa
Buscar, fugindo ao fogo que devora,
Minh'alma louca como a mariposa
Se atira mais à chamma que a enamora!

Melancolia

Sinto no peito o coração bater
Com tanta força que me causa mêdo;
Será a Morte, meu Deus! Mas é tão cêdo
Deixai-me ainda viver!

Tudo sorri por este campo em flôr,
— O Amor e a Luz vão pelo céo boiando —
Só eu vagueio a suspirar chorando
Sem Luz e sem Amor!

Lutando sempre com uma dôr cruel,
Cheia de tedio e desespero as vezes,
Minh'alma já tragou até as fezes
O calice de fel.

. . . . . .

E o coração no meio a palpitar
N'uma agonia de quem não tem crença
Pulsa com a força indefinida, immensa,
Dos vagalhões no Mar.

Aos pobresinhos

(1893)

O' mães celestiaes, puras, formosas,
Pombas sem fel, virgineos corações!
Ouvi o grito forte e soluçante
Que dos folainos azues, qual astro errante,
Vem despertar divinas commoções.

E' o extremo soluço de Maria,
O grito agudo de Jesus pequeno,
Elles implorão a compaixão dos entes
Para estes pobres, pequeninos entes,
Para as crianças de sorriso ameno.

Abri o peito aos puros sentimentos,
Almas de luz, ó creaturas mansas,
Beijai as ternas fontes côr de rosa
E enxugai a lagrima perfumosa

Que pela face rola das creanças.

Ouvi, ó Mães, o choro anguetiado
Da creancinha que vos vem pedir,
Em nome do filhinho, casto, amado,
O louro anginho, branco, immaculado,
Que em vosso seio se agasalha a rir.

E vós, ó virgens, que aprendestes meigas,
Os bons e dôces pensamentos sãos;
Não roubeis a vossa esmola pura
A pequenina e santa creatura
Que vos estende as descarnadas mãos.

E vós tambem, ó louras creancinhas,
Vós, que sonhais as illusões em flor.
Vós que do mundo a dor não conheceis
E que sorrindo ainda adormeceis

Em lindos berços, todos de setim:
Pedi, pedi, por vossas irmãzinhas
As pobres inocentes creancinhas.

A noiva.

Ella chegou da Igreja. Vagarosa
Vai ao braço do noivo conversando ...
Grave, sôa a orchestra acompanhando
Uma dansa febril e languorosa.

E a noiva passa assim, casta e nervosa,
A cabecinha pallida inclinando ...
Da capella uma flôr vem resvalando
Pela macia fronte perfumosa.

Quer tiral-a, e, levando a mão ao rosto,
Sente-se presa de infantil desgosto
E fita sua mãe cheia de amor.

Ah! fôra ella que, tremula, divina,
Beijando-lhe a mãosinha alabastrina
A grinalda lhe atara aquella flôr.

Janeiro de 1894.

No cemiterio.

Não despertéis aquelles que aqui dormem
A sombra do cypreste solitario;
Respeitai a mudez dos que se forão
E descansão no leito mortuario.

Não deveis ri aonde os mortos chorão
E as campas são cobertas de saudade.
Nem deveis olhar com indifferença
As pallidas grinaldas da amisade.

Aqui, reposa a virgem descuidosa
Que morreu na vigilia do noivado;
Bem perto dorme a loira creancinha
O somno derradeiro e immaculado.

Além, descansa a mãi extremecida

E o filho sobre a campa se debruça ...
A dous passos, no tumulo do espaço,
Reza a pobre viuva que soluça.

E os finados escutam os gemidos
Dos entes que adoraraõ sobre a terra,
Elles sabem ágonia de um suspiro
A dôr profunda que uma magua encerra.

Choremos, sim... choremos ... estas lousas
Escondem restos de quem soube amar.
De joelhos oremos sobre os tumulos
Como se reza junto de um altar.

2 - 11 - 73.

* * *

Vem explicar-me uma cousa,
Creança doce e formosa,
Porque occultas ao ver-me
A tua face mimosa?

E, se te olho porque mudas
A vista depressa assim?
Não te filo com maldade
Anjo, não corras de mim.

Acaso te aborreci
Quero que digas em que,
E se não, creança louca,
Porque me foges, porque?

Eu que não tenho as mãos,

Que desafias os céus,
Será possivel que temas
Fitar teus olhos nos meus?

Porque me odeias creança,
Porque me foges, porque?
Acaso te aborreci?
Dize-me, dize-me em que.

Dezembro de 94.

Reminiscencia.

Restea de sol do meu amor desfeito
Vem aclarar o meu viver sombrio;
Meu coração, um 'ave que tem frio,
Pede chorando o ninho de teu peito.

O pobresinho triste e contrafeito
Voga do pranto no nevado rio....
De suas illusões o roseo fio
Achou partido, em estilhaços feito.

Como elle treme em achar abrigo!
A luz procura d'este olhar amigo,
Aquece o triste contra o seio teu...

Mas não! Lembres-me: o teu amor é morto:
Não quero mais que tu me dês conforto...
-Eu tenho mêdo de quem já morreu...

O coração e o beijo.

Meu coração chorava e eu lhe dizia:
– Porque choras assim como creança?
E o triste a soluçar me respondia:
Ninguem pode viver sem Esperança.

– Resta-te a Fé. – A Fé! Mas o que é d'ella
Sem da Esperança as illusões serenas!
Um Céo a noute sem nenhuma estrella,
Um'alma em flôr sem um sorriso apenas...

– Mas tens a Caridade. – A Caridade!
Ah! sim! o vinho que embriaga a dor.
Mas eu não amo... Pois não é verdade
Que a Caridade é o que se chama Amor? –

. . . . . .

N'isto passava uma creança linda,

Botão de lyrio, immaculado e santo...
Meu coração que soluçava ainda
Sorriu ao ver o gracioso encanto.

E foi beijar-lhe os pequeninos labios,
— Pétalas de rosa abrindo de manhã —
Onde adejavão cerulos recabios
Dos beijos de uma mãe ou de uma irmã.

. . . . . .

Comprehendeu então o desolado,
A linguagem sublime de um harpejo:
N'este mundo de dôres povoado
A Caridade pode estar num beijo.

A monja.

Casta e divina, immensamente pura,
Quando ella passa tão modesta e esquiva,
Nos traz a mente a imagem redivíva
De alguma santa na edenica planura.

O mundo inteiro só nos assegura
Que a moça freira se sepultta viva...
-Será porque da vida a gloria altiva
Troca por cella pequenina e escura?-

-Não! Quando ella ora e a cabecinha bella
Nos mostra o rosto digno de uma téla
E de pincel angelical de Rubens....

Sua alma branca na de Deus se arminha,
Longe da terra e da paixão mesquinha
O coração da monja é um Céu em nuvens.

A trança

(A Elvira)

A linda trança dourada
Que eu vi Domingo a noitinha,
Guardava a maciez amada
Das pennas de uma andorinha.

Parecia uma esperança
Bordada com fios de ouro ...
— Ó doce e mimosa trança,
Meu raio de sol tão louro! —

Ventura, sonho, alegria,
Tudo se resume ali ...
Para tecer serviria
O ninho de um colibri.

Era já noite e no entanto
A loura madeixa olhando,
Cuidei que cheio de encanto
O dia vinha raiando.

Deus fêl-a n'uma redoma,
De beijos, de luz, de amor;
E deu-lhe o sagrado aroma
Da madresilva inda em flôr.

Ah! sobre aquelles risonhos,
Dourados, macios fólhos,
Quem dera embalar meus sonhos,
Quem dera cerrar meus olhos!

Pagina azul

A Zulmira Rosa

No paiz de minh'alma ha um rio sem maguas,
Um rio cheio de ouro e de tanta harmonia...
Que se cuida escutar no marulhar das aguas
Do sussurro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu sonho, um sonho azul e puro,
Como um canto do Ceo, como um braço do Mar;
Loura restea de Sol a rebrilhar no escuro,
Casta luz que scintilla em torno de um altar.

De um altar que pulpita e que soffre e que sonha,
Soletrando a cantar a linguagem do Amor...
Do altar do coração, a paisagem risonha
Onde nascem sorrindo as illusões em flôr.

Vem beber, meu amor, n'este rio que é fonte,

É fonte de Esperança e lago de Chimera ...
Vem enterrar n' um paiz que não tem horizonte,
Onde não chora o Inverno e só ha Primavera.

Ao clarão da lua.

(A' meu irmão Eloy Castriciano)

O lyrio

Lá nas alturas, modesta e loura,
Do Céo immenso na face núa ..
A lua branca todo o Azul doura...

A nuvem

Ah! se eu pudesse mudar-me em lua!

O perfume

E aquella estrilla tão pequenina
Sua mal a gente consegue vêl-a,
Como scintilla, casta e divina!

A lua

Ah! quem me dera ser uma estrella!

A nuvem

O lyrio branco cheio de orvalho
Olhando a lua em triste pallor,
Formoso e triste treme no galho ...

A estrella

Ah! quem me dera ~~ser uma~~ flôr!

O Céo.

Perfume doce boia nos ares ...
Virá nas azas de um vagalume?
Será da terra? Será dos mares?

O orvalho

Ah! quem me dera ser o perfume!

O pyrilampo

A nuvem manca no Azul esparsa
Vôa depressa como a pennugem
Solta das azas de alguma garça ...

O lyrio

Ah! quem me dera ser como a nuvem!

O Poeta

Terno instrumento suspira ao longe
~~N'uma cadencia melodiosa...~~
Será na cella piedoso monge?

A creança (sonhando)

Ah! quem me dera ~~ser~~ uma rosa!

A noute

O sonho vive dentro em meu seio,
Garrulo e meigo, doce e risonho,
Cheio de luz e de aurora cheio...

O perfume

Ah! quem me dera ser como o sonho!

A madrugada

Ouvem! As aves já vem cantando!

As estrellinhas tomam seu véo ...
É' tempo de irmos tambem chegando.

O coraçaõ

Ah! quem me dera subir ao Céo!

Resando

Roseo menino
Feito de luz.
Lyrio divino,
Santo Jesus!

Sobre innocente,
Branco jasmim.
Meu craveo ardente
Côr de marfim.

Entre as palminhas,
Pequeno amor:
Das creancinhas
Eu é a flôr.

Cabello loiro,
Olhos azues:
Es' meu thesouro,
Manoel Jesus!

Estrella pura,
Santo pharol...
Flôr de candura,
Raio de Sol...

Dá-me a esperança
N'um teu olhar...
Doura creança
Me ensina a amar.

Sonho formoso
Cheio de luz,

Jesus piedoso,
Meu bom Jesus;

Como eu te adoro,
Pequeno assim!
Jesus, eu choro
Tem dó de mim.

No doce encanto
De um riso teu,
Jesus tão santo!
Leva-me ao Céo.

Em ti espero
Mostra-me a luz...
Leva-me, eu quero
Ter-me Jesus!

Agonia do Coração

« Estrellas fulgem da noite em meio
Lembrando cirios loiros a arder...
E eu tenho a treva dentro do seio...
~~Velai-vos astros! eu vou morrer~~ ...
Astros! velai-vos, que eu vou morrer!

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando á hora do adormecer...
E o echo triste sobe as alturas...
Moças! não cantem, que eu vou morrer!

As mães embalam o berço amigo
Doce esperança de seu viver...
E eu vou sosinho para o jazigo
Chorai, creanças! que eu vou morrer!..

Passaros tremem no ninho ~~sancto~~
Pedindo a graça do alvorecer...
Emquanto ~~[illegible]~~ eu parto desfeito em pranto
Aves! suspirem, que eu vou morrer...

~~De~~

De lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! que maguas tão dolorosas...
Flôres! fechai vos, que eu vou morrer!

A' luz de teu olhar.

"Nada me digas, olha-me somente.
S. Guimarães Junior

Cheios de treva e luz teus olhos tem a côr
Das noutes sem luar, meu promettido amor!
E eu amo tanto a sombra e o brilho doce e puro
Dos grandes olhos teus, ó luz de meu futuro!
Como adora minh'alma os rutilos clarões
Do bando virginal de suas illusões.

Não vês? É noute e o Céo nos mostra tanta luz
Que olhando para cima eu cuido que Jesus
As estrellas formou de lucidos novellos
Dos raios ideiaes do sol de seus cabellos...
E assim no teu olhar, tão negro meu jasmim!
Uma estrella se fez do nosso amor em fim.

Deixa brilhar a estrella, a estrella loura e mansa,

Que nos ha de guiar á patria da Esperança.

Olha-me sempre assim... no teu olhar formoso,
Minha noute e meu sol, ó Cherubim piedoso!
Eu quero ver a tôa, eu quero ver boiar,
Como se fosse um lago o teu mimoso olhar,
Todo um mundo sem fim de sonhos e chimera,
Lyrios desabrochando ao sol da Primavera

Lydia

(A' Esther M. de Albuquerque Mello.)

Feliz de quem se vai na tua idade,
Murmura aquelle que não crê na vida
E não pensa siquer na mãe querida
Que te contempla cheia de saudade.

Pobre adorada! Se alegrar quem hade
Com a tua sorte, rosa empallecida!
Branca assucena inda em botão cahida
O que irás tú fazer na eternidade?

Foges da terra em busca de venturas?
Mas, meu amor, se conseguires tel-as
De certo não será nas sepulturas...

Fica entre nós, irmã das andorinhas,
Deus fez do Céo, a patria das estrellas
Do olhar das mães o Céo das creancinhas.

A' Jovita

O' moça trigueira
Dos olhos escuros,
Tão lindos, tão puros,
Qual noite fagueira!

Creança morena
Teus olhos rasgados
São céos estrellados
Em noute serena!

Que doces encantos
No brilho fulgente,
No brilho dolente
De teus olhos santos!

E eu vivo adorando

Meu anjo formoso,
O brilho radioso
Que vão derramando,

Em chammas serenas,
Tão negros e puros,
Teus olhos escuros,
O' flôr das morenas!

[illegible]

I

Meu sonho dourado e leve
Que buscas tu a voar?
— Um ninho branco de neve
Onde me deixem cantar.

[illegible]

E em busca das nuvens bellas
Lá vai meu sonho a cantar...
Meu sonho cor das estrellas,
Meu sonho cor do luar.

II

Pergunto ao sonho, chorando,
Porque foge a cantar?
E elle responde, cantando:
Porque não quer chorar.

. . . . . .

E em busca das nuvens bellas
Foi-se meu sonho a cantar...
Meu sonho côr das estrellas,
Meu sonho côr do luar.

Na Capellinha.

(Lembrança do collegio)

Entrou na Igreja corrida
Coberta com um fino véo ...
O seu rostinho era lindo
Como o da Virgem do Céo.

Foi ajoelhar-se sorrida
Ao pé do sagrado altar
E com piedade infinita
Principiou a rezar ...

Um doce sorriso veio
Encher-lhe a bocca de luz ...
Poz a mão sobre o seio,
Poz os olhos na Cruz ...

O que dizia? Alguem pode
Adivinhar o que diz
A prece que ao labio acode
Emquanto a gente é feliz?

N'aquella idade p.ra que
Se reza ... (saberei eu?)
A gente reza porque
Tambem se reza no Céo.

E ella tão meiga e tão pura
Que não conhecia o mal
E que guardava a ventura
No coração virginal ...

Na sua fé de creança
Ingenua e cheia de amor,
Talvez pedisse a esperança

Para os que vivem na dôr.

Talvez pedisse um sorriso
Para quem vive a chorar,
E a gloria do Paraiso
Pra quem não sabe rezar...

E emquanto o labio querido
Orava piedoso assim...
Do negro olhar commovido
O pranto rolou por fim.

E deslizarão um calma
As lagrimas por sua tez,
Com o desconsolo de um'alma
Que chora a primeira vez.

Su'alma pura onde morão

A luz, a innocencia e o bem,
Pedindo pelos que choraõ
Foi volvendo tambem.

E comprehendeo segredo
D'aquella santa emoçaõ
Eu disse baixinho, a medo,
Fallando a meu coraçaõ:

Bemdito nós que soffremos
Varados por magoa atroz...
Emquanto assim padecemos
Os anjos pedem por nós.

Caminho do sertão.

Tão longe a casa! Nem siquer alcanço
Vel-a atravez da matta. Nos caminhos
A sombra desce e sem achar descanço
Vamos nós dous, meu pobre irmão, sosinhos

E' noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos.
Vamos mais devagar... de manso e manso
Para não assustar os passarinhos.

Brilhão estrellas. Todo o Céo parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Sua ensina a Crença ao desespero e a dor

Ao longe da Lua vem dourando a treva
Thuribulo santo para Deus eleva
O incenso agreste da jurema em flor

O que são estrellas...

A Alexandre Botelho

Ai! quantas vezes eu scismo
A noite olhando as estrellas
Como quem sonda um abysmo:
Meu Deus! o que serão ellas?

E julgo que são pequenas
Almas gentis de crianças
Voando as plagas serenas
Como um bando de esperanças.

Cazoulas ~~doces~~ bemnas, sagradas,
Cheias de amor e de encantos,
Hostias formosas, nevadas,
Eucharistia dos santos.

Sonhos de moça partidos,

Desilluzões de poetas,
Raios de luz desprendidos
Das azas das borboletas ...

Doces brancos lyrios transpostados
Para uma encantada horta,
Sorrisos tristes, magoados,
De uns labios de noiva morta.

Rutilos, lindos novellos
Formados da luz arrena
Que aureolava os cabellos
Dos louros da Magdalena.

Cada estrella, penso, encerra
Uma alma branca de rosa
Que os anjos levão da terra
Para a santa mais formosa.

Deve ser o Azul brilhante
O manto azul de Maria,
E cada estrella um diamante
Que n'este manto irradia.

Ou talvez pennas dispersas
De uma aza nivea de archanjo...
Capellas em luz immersas
Dos olhos castos de um anjo.

Parecem ninhos divinos
No Azul immenso e sem véo...
Ninhos de ouro, pequeninos,
Dos beija-flôres do céo...

. . . . . .

E emquanto scismo respondem
Os astros, brancos arminhos:

Sós somos berços que escondem
As almas dos passarinhos ....

Celeste

(*A uma creança*)

Eu fiz do Céo azul minha esperança
E dos astros dourados meu thezouro....
Imagina porque, doce creança,
Nas noites de luar meus sonhos douro.

Imagina porque amo a luz manda,
A luz que boia sobre um cilio de ouro.
E adoro o Mar vem fim, doce creança,
E tudo o que é azul, tudo o que é louro.

Imagina porque peço na morte
Alm esquife todo azul que me transporte
Longe da terra, longe dos escolhos ...

Imagina porque.... mas, lyrio santo!
Não digas a ninguem que eu amo tanto
A cor de teu cabello e a de teus olhos.

Loli

Ao incomparavel autor das "Canções",
Garcia Redondo.

Formosa e pura como um lyrio puro
Na sua alvura virginal de neve
Loli no esquife pequenino e leve
Lá vai caminho do sepulchro escuro

Vai vestidinha como a Virgem santa
Mãe de Jesus, o doce Nazareno:
Mortalha branca de um alvor que encanta,
Manto estrellado côr do Azul sereno

Pallida a face faz lembrar tão linda
De um lyrio murcho a palidez sem fim...
(Como é bonito amortalhado assim
Um lyrio branco desbrochando ainda!)

O caixãozinho tem a côr divina

No mundo immenso onde Jesus habita,
É o corpo frio da gentil menina
Repousa n'elle entre jasmins e fita.

Seu cabellito perfumado e louro
Cobrirão todo de cheirosas flôres...
Craz-nos a morte sepultado em dôres
Um encantado e virginal thezouro.

Todos solução tristes contemplando
O esquife santo que caminha ali...
Beijos saudosos em formoso bando
Voão chorando a procurar Soli.

O' creancinha, é pequenina aurora!
Descerra as folhas, assucena amiga!
Rosa adorada que o tufão desliga
Da haste mimosa, quem te beija agora!

Mas já não ouve o pobre ~~sonho~~ morto.
Vão longe o esquife ninguem mais o alcança.
Barco celeste vai levando ao porto
O corpo amado d'esta flôr creança.

. . . . . .

É branca e branca como um lyrio puro
Na sua alvura virginal de neve
Poz no esquife pequenino e leve
Lá foi caminho do sepulchro escuro.

Boheminas

Quando me vires chorar
Que sou infeliz não creias,
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantão sereias.

Choro porque no Infinito
As estrellas luminosas
Chorão o orvalho bemdito
Que faz desbrochar as rosas.

Do labio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Meus olhos vêem chorando.

O seio branco da aurora
Derrama aos valles a flor...
O cirio que brilha, chora:
A dor tambem gera a luz?

Teus olhos cheios de ardores
Animam rosas nas faces...
Que seria d'essas flôres
Me diga, se não chorasses?

Sou moça e bem sabes que
A moça não tem martyrios..
Se chora muito é porque
Pretende imitar os lyrios.

Emquanto eu viver no mundo
Meus olhos hão de chorar..
Ah! como é doce o profundo

Soluço eterno do Mar!

Do labio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Os olhos riem chorando.

Dolentes

Quanta tristeza se encerra
Do mundo no escuro véo!...
Não quero morar na terra,
Me deixem subir ao Céo...

Me deixem subir ao Céo
Nos raios d'aquella estrella...
Minha mãe quando morreu
Pediu-me que fosse vel-a...

Eu quero subir ao Céo...
Me mostra o caminho, estrella!

Não foste tu que — giraste
— O' astro, lyrio sem haste

Que vives chorando além ... —
Com tua luz resplendente
Aos santos reis do Oriente
No caminho de Belém?

Pois, eu quero ver Jesus ...
Me faça um trilho de luz.

Ah! que tristeza se encerra
No mundo no escuro véo ....
Não quero viver na terra,
Me deixem voar ao Céo!...

Me deixa subir ao Céo
Como uma pennna bem leve
Que fosse no teio teu,
O' nuvem branca de neve!

Eu quero voar ao Céo
Como uma penna bem leve.
Onde [illegible] o fagrima

Na terra se chora tanto
Que se Deus guardasse o pranto
Que o mundo inteiro derrama...
Dos astros já no infinito
O choro do pobre afflicto
Pode apagar a chamma.

Mas todo o pranto que desce
Por nossa face, parece
Que Deus o transforma em prece...
E a prece, cheiroso incenso,
Nas azas do vento immenso
Se perde no Azul dos Céus
Buscando o seio de Deus.

Eu quero mudar-me em prece,
O' auras levai-me aos Céus...

Chorando....

(A alma santa de minha mãe)

Fazia noite.... A tristeza
Tudo envolvia em seu véo....
Soluçava a Natureza,
Cahia orvalho do Céo.

E n'aquella noite assim
Tão tenebrosa e tão fria ?
A minha mãe se partia
Para o Céo azul emfim.

Fallou-me a chorar: filhinha,
O vicio do mundo aterra....

Reune tu'alma a minha
Fujamos ambas da terra.

Beijou-me... e qual sonho doce
Sua vida evaporou-se.

.....

O mãe! porque me deixaste
No mundo sem teu amor!
Sou como o lyrio sem haste
Murchando ainda em flor....

Podias me ter levado
Ao Céo comtigo, divina!
Iria em teu seio amado;
Eu era tão pequenina!

Fiquei sosinha e perdida
O' mãe! no mundo de abrolhos....

Na noite de minha vida
Derrama a luz de teus olhos!

7

Não tenho medo da morte...
Ella deve levar-me a ti,
Ó minha estrella do Norte,
Meu celeste bogary!

[redacted]

Symbólicas.

(A Emilia Duarte)

Quando Deus creou além
As estrellas em cardume,
Na Terra creou tambem
As flôres, mas sem perfume.

Um dia ao mundo de abrolhos
A Virgem pura desceu,
Com um manto da côr dos olhos,
E uns olhos da côr do Céo.

No Céo azul de seu manto
Brilhava um astro: Jesus ....
E em seu olhar sacrosanto
Boiava a Innocencia e a Luz ....

«Maria! os Anjos clamarão,

A chorar, vendo-a partindo ...
Eu levas nossa alegria ...»
Mas da Terra lhe acenarão
As flôres todas abrindo:
Maria!

E Ella deixou do Infinito
Os resplendentes fulgores,
Para acudir ao bendito
Acerro doce das flôres

E teve pena de vel-as
Formosas mas sem ter brilho ...
Olhou sorrindo as estrellas
Nos cabellos de seu filho.

Foi Ella que as fizera
Com a graça de seu sorriso,

N'um dia de primavera,
Na gloria do Paraiso.

E seus olhos procurarão
Algum occulto thesouro:
Para as flôres que faria?
Quando, do Céo, a chamarão
Os Anjos todos em côro:
"Maria!"

Ia partir.... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Déra o sorriso a creança,
Estrellas ao pyrilampo!

Nos meigos olhos perpassa
Não sei que lampejo doce....
E a Virgem cheia de graça

Do mundo triste evolou-se ....

Mas, Ella que dera o encanto
Do riso sagrado a infancia,
Da dobra azul de um manto
Deixou cahir a fragrancia

Desde este dia na Terra
As flôres sabem fallar ....
A voz da flôr é a ambrosia
Que tanta doçura encerra
Quando murmura ao luar:
"Maria!"

Zirma

Foi em Dezembro no mez bemdito
No mez de festa que ella partiu...
Desde este tempo do seio afflicto
Minh'alma louca tambem fugiu!

Era tão grande minha agonia
Que quasi morro de soluçar
Quando beijei-a na face, fria
Como uma concha que sae do Mar!

Corria a noite ...(Me lembro tanto!)
Noite de lua, mysteriosa ...
Choravão astros no ethereo manto...
Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua mansa no céo vogava

Como um barquinho n'agua do rio ....
E parecia que murmurava:
« No Céo formoso faz tanto frio! »

No esquife azul feito a capricho,
Por entre rosas de alvura tanta!
Deitaram Zirma como no nicho
Se guarda a imagem de alguma Santa

O rosto branco da cor do gelo
Um doce lyrio traça a mente ....
Na noite escura de seu cabello
Nem um só astro resplandecente!

Ninguem diria que estava morto
O labio aberto por um sorriso ....
Na terra triste: que desconforto!
Quanta alegria no Paraiso!

Como uma moça, pura e singella,
Que deixa o mundo para ser freira,
E toda de branco tinha a capella
Feita de flôres de larangeira.

Sôr sob o manto, formoso e leve,
Muito estrellado, de azul celim,
Nas mãos pequenas da côr da neve
Sendia o terço côr de marfim.

Subiu-me aos olhos em doudo assomo
O amargo pranto do coração,
Vendo-a tão linda vestida como
Nossa Senhora da Conceição.

Os olhos negros erão dous círios
Que se extinguirão no pé do altar...

Aquelles olhos, meus dous martyrios,
Quem contemplava sem soluçar!

O' pobre Zirma, nivea assiacena,
Camelia branca murchada na haste.
Porque fugiste da vida amena,
Porque tão cedo me abandonaste!

Eu precisava de teu carinho
Como de orvalho precisa a flor...
Embalde busco no meu caminho
O amparo doce de teu amor!

Anjo da guarda formoso e santo
Que me escondia nas tuas azas,
Quem é que agora me enxuga o pra
Cilicio eterno na face em brazas!

Sem esses olhos que a morte cerra,
Sem o sonoro de teu sarcasmo,
Como é que possas viver na terra,
Ó minha santa do Paraíso!

Tuas mãos.

Com esses dedos de fadas,
— Tão formosos e pequenos —
As tuas mãos adoradas:
Me causam tantos martyrios,
Que eu chamaria dous lyrios
Se houvesse lyrios moderno!

Simples.

A M.ª da Gloria Pen

Eu amo minhas lembranças,
Minhas saudades e dôres,
Assim como amo as creanças,
Os passarinhos e as flôres.

A tudo o que é fraco e triste
Devemos affecto e luz:
Pois nada no mundo existe
Vão andar de como uma cruz.

A creancinha que chora
É como o lyrio ao nascer:
Um raio de sol implora
Para que cheque a viver.

E o raio de sol que damos

A pobre creança é o beijo...
O labio que nós beijamos
Resôa como um harpejo.

O pequeno passarinho
Esmola tambem o amparo:
Protejamos o seu ninho
Como o thezouro [illegible]...

As flores no vil degredo
Da terra, vivem um dia!
Vamos leval-as bem cedo
A doce virgem Maria...

Terão assim melhor sorte
Quando forem a murchar...
As rosas amam a morte
Que as desfolha ao pé do altar.

V 96

Ai! tudo o que é fraco e triste
Precisa de amparo e luz ...
E nada no mundo existe
Tão triste como uma Cruz!

Por isso adoro as lembranças,
As saudades e as dôres,
Assim como as crianças,
As andorinhas e as flôres.

Sancta Virgo virginum.

Mater purissima.
Mater castissima.
Mater inviolata.

1

O' santa estremecida,
Formosa e immaculada!
Estrella abençoada
Do céo de minha vida!

2

Rainha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta!

3

Tu és minha alegria,
Meu unico sorriso,
O' flor do Paraiso,
Angelica Maria!

4

Ai! quantas vezes, quantas!
A minha fronte inclina
Orando a ti, divina!
O' Santa entre as mais santas!

7

Amada creatura!
Me lança, enternecido,
O teu olhar ungido
De immaculada doçura!

5

Enfeitam luz e flôres
O pé de teu altar...
Immenso e eterno mar
Afoga as minhas dores!

6

O' Virgem tão serena!
Eu do meu sonho doce,
Perfume que evola-se

De um seio de assucena!

8

E' Arco da alliança,
Celeste e branco lyrio,
Me salva do martyrio,
Senhora da bonança!

9

Envolve no teu véo
A minha triste sorte,
E mostra-me, na morte,
A porta de teu Céo!

1894

Plantaria

Não brinques ao sol menina,
E tão preto o teu cabello,
Sem exposto ao sol que illumina
Jamais, jamais quero vel-o.

Não sabes porque, Maria!
Do sol o brilhante agoite
Só vem a terra de dia
Porque não gosta da noite

E eu temo que ao ver formoso
O teu cabello um thesoiro!
O sol que é tão invyoso
Não queira tornal-o loiro!

Loiro, Maria! o repouso
Onde descanço com a Cruz,...
A doce sombra onde pouso
Meus olhos fartos de luz?

Vão quero flor de minh'alma
Linda esperança em botão...
O dia não é que acalma
As magoas do coração

Quando a dor em furia brusca
Lhe vem magoar o seio,
A nova da noite busca
Para chorar sem receio.

E a minha noite mais pura
No teu cabello é que vejo
Esqueço toda a amargura
Se a tua cabeça beijo!

. . . . . .

E agora, santa, avalia
Que Jesus teria eu,
Se chegasse a ver um dia
O teu cabello, Maria!
Da cor dos astros do Ceo!

Goivos
(A memoria de Irineu)

Um dia ... (eu era menina)
Trouxeram-me um passarinho
Era uma ave pequenina
Roubada ao calor de um ninho.

Inda não era sol posto ...
Quantos perfumes trazia
A aragem fresca e macia
D'aquella tarde de Agosto!

Devagarinho, no solo
Senteiu-me a cantarolar,
Erlogo puz-me a embalar
O pobresinho no colo

Que tempo estive, não sei!
Do mundo inteiro distante,
O jardim n'aquelle instante

Foi o terra que eu amei.

Depois... a noite descia...
E eu senti dentro do seio
Não sei que vago receio
Da tarde que além morria!...

Numa gaiola pequena
Fui deitar o passarinho,
Fazendo lá dentro um ninho
De algodão fronco e de penna.

Mas dias depois... a dor,
Sua grande desdita a minha.
No fundo da gaiolinha
Achei morto o pobre amor.

Tinha o biquinho entreabert
Qual se morresse a cantar.

E um par de azas aberto
Como se fosse voar.

Chorei em hypocrisia
Como se chora em creança...
Era a primeira esperança
Que do seio me fugia.

II

Que annos já vão! Entanto
Só recordo entristecida
A hora em que vi sem vida
O meu pequenino encanto.

Ad'aquelle triste dia,
Do tempinho de creança,
Conservo como lembrança
A gaiolinha vasia.

Lembrança ingenua e sagrada

Caricia que se balouça
Dentre os meus sonhos de moça
Como religiosa adorada!

III

Um dia d'estes, enferma,
Eu recordava, a chorar,
Um sonho que vi brilhar
Em minha vida tão erma.

E cheia de disconforto
Fui evocando o perfil
Sereno, meigo e gentil,
De meu irmãosinho morto.

I

Quando ouvi, muito baixinho,
Um grito, vago e dorido,
Como o saudoso gemido
De um ave pedindo o ninho

3

Julguei sonhar... Mas desperta
Estava ainda e sosinha!
Aquelle gemido vinha
Dá da gaiola deserta.

2

Quem ousaria no mundo
Penetrar na soledade,
Onde gemia a saudade
Do meu coração no fundo?

4

Era o soluço choroso
Da ave que se partira
E de meu seio fugira
Em busca do azul formoso!

Mas a gaiola vazia,
Que eu conservo noite e dia,
Não sabem? É o Coração...

É dentro d'ella que moro,
É dentro d'ella que choro
A alma de meus irmãos!

Indice

Primeira pagina.	7
Angelina.	8
Sassando.	12
Teus amores.	13
Mysticos.	14
Renato.	15
Calvez.	17
Mater.	18
A beira do Mar.	20
Olhos azues.	21
Pressentimento.	23
Minh' alma e o Verso.	24
De longe...	29
Sorrindo.	31
Antonietta.	32

Meu sonho		33
No Templo		36
Noemi		38
No album de uma amiga		39
Dia de inverno		40
Cantai!		41
Carlota		44
Lagrimas		45
A morte de Helena		46
Soneto		48
Regina Coeli		49
O Beija-flôr		53
Feliz		54
Ao luar		57
Desalento		60
Pagina triste		62
Morta		63
A alguem		65

			Pg.
Doloras	56	131	66
Cantando	8	X	68
Pobre flôr!	88		72
Um sonho	69	17	73
Meu Pai	32	64	76
A ti ...	41	121	77
Recuerdo	31	128	79
~~Minha mãe~~	~~43~~		83
Flôres	51	14	84
Extincto	90		86
A meu bom anjo	55	16	87
Nunca mais	45	24	89
Estada á fóra	4	4	91
Elo passado	81	27	92
Esos ligeiros	44	6	94
Bendita	146		97
Prometo			98
~~Jesus~~			104

~~A'...~~		106
A memoria de uma ave	70	108
Na Judéa.	25	109
Visita a um tumulo	72	111
Ao Mar.	60	115
Quadras.	71	117
Magoas.	64	118
Hoje.	40	12
~~Meu coração~~	~~8~~	12
~~A volta do sertão.~~	~~94~~	12
No album de Dolores.	85	124
~~Força do destino.~~	27	125
Melancolia.	78	126
~~Pelos pobresinhos.~~	~~8~~	128
~~A noiva.~~	~~77~~	131
No cemiterio.	26	132
~~...***~~	~~89~~	134
~~Reminiscencia.~~	~~86~~	136
~~O Coração e o beijo~~	~~76~~	137

Si essa essa creança era como para a estrella 193

A monja	84	50	139
A trança	23	49	140
Pagina azul	37	11	142
Ao clarão da lua	19	84	144
Rezando	21	4	148
Agonia do coração	10	15	151
A' luz de teu olhar	17	18	153
De joelhos	73	43	155
Lydia	61	9	157
A' Jovita	39	1	160
Olhando o céo	2		162
Na Capellinha	65	10	164
Caminho do sertão	74		168
O que são estrellas	59	34	169
Celeste	5		172
Sol	66	15	173
Bohemias	62	36	176
Dolentes	87	51	179
[illegible]	63	45	181
Chorando	68	40 antes	182
Symbolicas	36	2	185
Lirma	48	39	189
Tuas mãos	46	16	193

Simples. 79 / 44 194

~~Sancta Virgo virginum~~ / 13 [illegible]

~~Gaeta~~ / 11 4 203

Phantasia / 41 200

18 son
27 L.
5 A.

Caminho do sertão / 10 | Soneto 12
Extinto 33 | Beija flor 23
Pobre flor / 35 | 17
A memoria de uma ave [illegible]
~~Soneto~~ 27